

# O centenário de nascimento de Rocha Lima

PROF. CARLOS DA SILVA LACAZ

Henrique da Rocha Lima nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 24 de Novembro de 1879, filho de conceituado clínico carioca. Diplomou-se em medicina, defendendo tese sobre "Esplenomegalia nas infecções agudas". Refere José Reis, analisando a personalidade de Rocha Lima, ter sido ele homem dos grandes princípios, tanto quanto dos pormenores aparentemente insignificantes. O segredo de sua perfeita identificação com o grupo que comandava consistia em estar sempre dentro desse grupo.

Na obra científica de Rocha Lima destacam-se os trabalhos sobre febre amarela e tifo exantemático. A anatomia patológica da infecção amarilica constituiu, sem dúvida, tema predileto de Rocha Lima, desde o início de sua carreira científica, em 1903, ao lado de Oswaldo Cruz, no Instituto Manguinhos.

As pesquisas histopatológicas empreendidas por Rocha Lima resultaram em profunda modificação do conceito anátomo-clínico da febre amarela. O quadro histopatológico é descrito como o de uma necrose predominante, com esteatose salpicada, da zona intermediária do lóbulo hepático. A estrutura trabecular do fígado se mantém intacta, apesar da necrose extensa e o que é, por assim dizer patognomônico, é o fato de não coincidir, em regra, o depósito de gordura com a necrose nas células hepáticas.

A descoberta do agente etiológico do tipo exantemático é, no dizer do Prof. Otto Bier, a obra "princeps" de Rocha Lima. Em 1915, comissionado pelo governo alemão, Rocha Lima iniciou suas pesquisas num campo de prisioneiros russos e franceses, em Kottbus, cidade alemã não muito distante de Berlim, situada próxima à linha Oder Neisse, atual fronteira com a Polónia. Duas semanas após junta-se a Rocha Lima seu colega Prowazek, protozoologista do "Tropeninstitut", de Hamburgo. Logo, Prowazek se infecta, adoecendo três semanas depois, vindo a falecer a 17 de Fevereiro de 1915. Rocha Lima colhe os piolhos dos primeiros cadáveres autopsiados, examina esfregaços de órgãos e de piolhos, corados pelo método de Giemsa e consegue verificar numerosos corpúsculos que, mais tarde, denominou de riquetsias. Rocha Lima se infecta, também, mas vence o processo infeccioso e volta a Hamburgo, contando agora com a colaboração de sua técnica Sikora. Demonstra nos piolhos infectados, células epiteliais repletas de riquetsias, que pelo seu arrebentamento são liberadas na luz do intestino.

Além desses assuntos, Rocha Lima deixou contribuições de valor no estudo da verruga peruana, da blastomicose, da doença de Chagas, da paradenite e da febre hemoglobinúrica. Logo após sua formatura, Rocha Lima aproximou-se de Oswaldo Cruz, seguindo para a Alemanha. Em Berlim, sob a orientação de Ficker, ampliou seus conhecimentos de microbiologia, estudando anatomia patológica, sob a orientação de Kaiserling e Orth. Regressando ao Brasil, dois anos mais tarde, colaborou intensamente com Oswaldo Cruz, na grande obra de Manguinhos, de 1903 a 1909. Convidado por Durck, segue para Jena, a fim de trabalhar no Instituto de Patologia, como assistente-chefe. Oito meses mais tarde ingressa no famoso "Instituto de Medicina Tropical" de Hamburgo, atingindo o cargo de professor. Durante longos anos, refere Bier, lecionou Rocha Lima no "Tropeninstitut", seja em alemão, sua segunda língua, seja em português, especialmente para médicos latino-americanos. Neste instituto, onde mais tarde recebeu homenagens que tanto o sensibilizaram, Rocha Lima trabalhou intensamente, realizando as pesquisas já anteriormente citadas.

Em 1920 é convidado para dirigir o Instituto Butantã e em 1927 interrompe sua carreira como pesquisador, para assumir a direção do Instituto Biológico, a convite de Arthur Neiva. Embora tenha sempre acariciado a idéia de poder continuar seus trabalhos entre nós, nunca conseguiu fazê-lo absorvido que foi por seus deveres administrativos e pela luta constante que teve de manter longos anos contra as ameaças de destruição do Instituto. Rocha Lima colaborou em numerosas monografias sobre temas variados de medicina tropical e em 1939, já no Brasil, publicou com Reis e Silberschmidt, extensa monografia sobre métodos de trabalho em virologia. Em 1940 Rocha Lima aposentou-se, indo receber em Hamburgo a medalha Nocht, do "Tropeninstitut".

Seu falecimento ocorreu a 12 de abril de 1956, aos 76 anos. Analisando a personalidade de Rocha Lima, assinala Reis que o eminente pesquisador brasileiro ostentava profundo desprezo pelos títulos e diplomas acadêmicos. Não lhes negava o justo valor, mas vivia a clamar contra o estrabismo dos que confundem diploma com competência.

Conseguiu Rocha Lima fazer do Instituto Biológico uma congregação unida e aberta, constituída de especialistas das mais diversas formações. A vida de Rocha Lima junto à direção do Instituto Biológico foi uma áspera luta que ele próprio relatou em vários artigos, corajosamente atirados ao rosto das autoridades responsáveis pelos descabros que denunciava.

Contra os excessos do formalismo administrativo, Rocha Lima era portador de lúcida inteligência, inteiramente votada aos interesses da ciência que ele amou e enobreceu. Discípulos e colaboradores do grande sábio continuaram a honrar seu nome, que deve ser apontado aos moços como exemplo de trabalho e de poderosa ação educativa.